

**Rubem Braga**

## CARTA A UMA VELHA AMIGA

COMO o avião não é direto, e não tenho ainda experiência do tempo que o correio leva, escrevo estas linhas, minha querida amiga, para lhe desejar Feliz Natal e Bom Ano Nôvo.

Você sabe que êstes votos são do fundo do coração. Já por êles verá você que não é verdade que tenha eu abraçado a religião muçulmana; chegou-me a notícia de que se dizia isto, e me apresso a dizer que é falso.

Tenho, é verdade, procurado saber um pouco da religião e dos costumes desta gente do Reino do Marrocos, visto que entre ela vou viver. Procuro, entretanto, saber apenas o suficiente para evitar que, por inadvertência, eu faça algo chocante. Um amigo mandou-me de Paris um exemplar do Alcorão, em encadernação de luxo; na lombada vinha o nome do livro e o do profeta, como se êste fôsse o autor da obra. Ora, isto é uma heresia e uma inconveniência; devolvi o livro pelo primeiro correio. É uma heresia porque o Corão é a própria palavra divina, que foi revelada a Maomé; mas êste não o compôs, inventou nem redigiu. E é uma grossa inconveniência porque êsse livro só deve ser tocado por um fiel, e êste mesmo só ousa fazê-lo quando em estado da pureza, depois das abluções de preceito. Seria do mesmo modo inútil perguntar como se deve portar um infiel no interior de uma mesquita. O que êle deve fazer é não ir lá dentro; tôda a sua fineza consiste em não meter o bedelho onde não é chamado, nem querido.

Na vida de todo dia têm os muçulmanos

muitas delicadezas; uma delas consiste em jamais dizer *não* em resposta a um pedido. Se você não pode ou não quer dar a esmola que o mendigo lhe pede, também não deve humilhá-lo com uma negativa; pode perfeitamente dizer — “outro dia”, ou “Deus lhe dará”; prometer, ainda que sem a menor idéia de cumprir, pode parecer uma falsidade quando será apenas uma delicadeza. Minha gente da roça, lá no Espírito Santo, é muito assim; com o tempo, e uma certa finura, não é difícil distingüir um assentimento, que é para valer, de outro que é simples delicadeza.

Coisa que nenhum muçulmano faz é perguntar pela mulher ou pelas mulheres de outro; de mulheres ninguém fala; e esta lição não creio que seja má para nós outros, brasileiros, que parece que não temos outra conversa. “... *Y hablar de mujeres se nos van las tarles*” — como dizia um amigo meu argentino.

Devo dizer, aliás, que nesse assunto de mulheres o sentimento dos muçulmanos é muito diferente do nosso. Não sei quem tem razão; e não se trata de saber isso. Cada um fique lá com sua mania. A minha, querida amiga, é pensar em você com doçura, e saudade. Para mim você é *baraka*, o que, na língua da terra, quer dizer uma pessoa cuja presença traz alegria e felicidade. Escreva-me; e nem precisa me desejar nada de bom, que no momento nada me pode ser melhor que uma carta sua — a não ser a sua presença que, espero, um dia virá iluminar êste Reino. Beijo-lhe as mãos.